



***Sola fide* – A compreensão de Martinho Lutero sobre a fé na epístola aos Romanos**

Sola fide – understanding Martin Luther's concept of faith in epistle to the Romans

Juvan Vieira da Silva

Bacharel em Teologia

Universidade Presbiteriana Mackenzie - Brasil

juvanvieira1@gmail.com

Recebido em: 10/06/2016

Aprovado em: 06/01/2016

RESUMO: O objetivo deste projeto é estudar o conceito e a compreensão de “fé” por parte do reformador Martinho Lutero, a partir da Epístola aos Romanos 1.16-17, sob o enfoque do contexto do renascimento do século XVI. Em termos gerais, a pesquisa propõe indicar os motivos influenciadores e determinantes, em Martinho Lutero, para a compreensão deste tema tão importante que foi hasteado como lema da Reforma.

PALAVRAS-CHAVE: Fé, justificação, Lutero.

ABSTRACT: The objective of this project is to study the concept and awareness of "faith" by the reformer Martin Luther, from the Romans 1.16-17, according to the renaissance context of the sixteenth century focus. All in all, this research aims to indicate those who influenced as well as the compelling reasons over Martin Luther, for understanding this important issue which was hoisted as the Reformation motto.

KEYWORDS: Faith, justification, Luther.

Introdução

A princípio abordamos um breve histórico sobre Lutero, depois nos deteremos na situação alemã do séc. XVI, observaremos, brevemente, a compreensão de fé desde a patrística até a escolástica, em seguida falamos da pré-Reforma, para, finalmente ponderarmos sobre a compreensão de fé de Lutero. Tendo como norte a “*Da liberdade cristã*” de Lutero, onde nos dedicamos ao conceito de “*pessoa interior*”, abordado nesta obra.

Pensando na importância do tema para o cristianismo de todas as épocas, que entende o assunto em questão como uma prerrogativa de suma seriedade àqueles que aproximam-se dele, é de grande valor, para o atual cristianismo protestante e católico, o estudo de um dos temas mais importante da Reforma: o “*Sola Fide*”. Sabe-se que este tema nas igrejas, comunidades e sociedade contemporânea assumiu compreensões que não são nem reformadas e, menos ainda, bíblicas.



Buscou-se dar uma resposta as seguintes questões: Diante das transformações sofridas pela Igreja no seu desenvolvimento histórico, qual era sua compreensão de fé e que compreensão sobre a fé nos trouxe Lutero? A hipótese a ser demonstrada é de que a justificação pela fé que Martinho Lutero defendeu no séc. XVI, decorre da cosmovisão paulina na Epístola aos Romanos.

Martinho Lutero

Muitos foram os esforços em interpretar Lutero no decorrer da história. Para o catolicismo tradicional, Lutero era um monge louco, o maníaco que derrubou os pilares da Igreja Mãe; todavia, o lado protestante o entendeu como um novo Moisés, um Elias, um Quinto Evangelista, um anjo do Senhor, que restaurou a fé; o *pietismo* alemão o viu como o apóstolo bondoso da conversão; para os nacionalistas, ele foi o herói do povo; os teólogos nazistas o entenderam como o protoariano precursor do *Führer*. Entretanto, essas caricaturas não consideram seriamente a auto compreensão de Lutero.

Martinho Lutero nasceu em 10/11/1483, véspera do dia de São Martinho, em Eisleben, pequena cidade ao leste da Alemanha. Seu pai pertencia a uma família de camponeses, que teve êxito na indústria de mineração, o que lhe deu a condição de dar uma boa educação a seu filho. Sua mãe era uma mulher muito religiosa e também supersticiosa. Aos quatorze anos de idade, Lutero deixa seus pais com a finalidade de obter a melhor educação possível. Iniciou seus estudos na Ratschle, em Mansfeld e, segundo R. W. Heinze, frequentou a Escola da Catedral em Magdeburg, “onde veio a ser influenciado pelos Irmãos da Vida Comum”¹, a mesma ordem que educou Erasmo de Roterdã. Concluiu o ensino secundária na Georgenschule, em Eisenach, antes de ir à Universidade de Erfurt, em 1501. Com o intuito de satisfazer as vontades de sua família, em especial, seu pai, Lutero foi estudar Direito (vindo abandonar mais tarde por circunstâncias que veremos mais adiante). Em 1502 recebeu o diploma de bacharel em Artes, o mestrado em 1505 e, no ano 1512, o doutorado em Teologia.

Lutero estava a caminho de tornar-se advogado quando lhe ocorreu um incidente que mudou drasticamente a sua vida e seus objetivos. Segundo a tradição, Lutero teve um encontro com a morte, fazendo com que ele promettesse à Santa Ana tornar-se monge se ela o salvasse.

¹ HEINZE, Rudolph W. “Martinho Lutero” in: ELWELL, Walter A.(Org.). **Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã**. 1 vol. Trad. Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 455.



Para muitos, este fato foi o que levou Lutero a abandonar uma carreira promissora como advogado e virar monge. Entretanto, outros pensam que esse foi só mais um dos fatos que levou Lutero ao mosteiro dos agostinianos, mas não o principal. Mais adiante veremos que Lutero era um homem que estava envolvido num ambiente muito hostil, uma sociedade que vivia na angústia e temor da morte iminente, o que também influenciou.

Febvre, em sua exposição sobre Lutero, entende que houve uma caminhada dolorosa para Lutero até essa decisão. Ele pensa que, após a sua formação, Lutero vivia “a sombra de uma juventude melancólica se projetava sobre um destino que permanecia medíocre”².

E, sucedendo-se rapidamente, enfermidades graves, um acidente sangrento, o pavor espalhado por uma peste mortífera, o abalo, enfim, de um relâmpago que por pouco não matou Lutero entre Erfurt e a aldeia de Stotternheim: essa série de incidentes violentos, atuando sobre uma mente inquietante e uma sensibilidade palpitante, inclinou o futuro herético à decisão que um homem de seu temperamento, depois de tais experiências, naturalmente adotaria.³

Fato, não foi aquele episódio do raio, unicamente, que levou Lutero aos agostinianos. Não bastava Lutero ser um homem de sua época, um homem que tinha um profundo sentimento de sua pecaminosidade e uma ansiedade religiosa aguda, que era comum na região da Saxônia do século XV, Walker diz que “a morte súbita de um colega de classe”⁴, marcou Lutero profundamente e, juntando esses eventos, veio o acontecimento do raio.

Em 1513, após concluir seu doutorado em Teologia, Lutero foi convidado a dar aula de teologia bíblica na Universidade de Wittenberg, função que exerceu até o fim da vida. Devido ao seu conhecimento – pois era comum entre os monges agostinianos eremitas a prescrição de se ler diariamente trechos dos Salmos –, Lutero começou seus estudos pelo livro dos Salmos (1513-1515). Essa escolha teve um caráter programático, pois o saltério (Salmos) era tido como livro de oração, mas não só isso, era também uma orientação à confissão dos pecados. Em seguida Lutero passou a estudar o documento que Paulo escreveu a igreja de Roma, a Epístola Romanos (1516-1517).

No ano de 1517, Lutero escrevia as famosas 95 teses. Em 31/10/1517, ele enviou cópias delas ao arcebispo de Mainz, Alberto, e ao bispo Jerônimo. As 95 teses eram um protesto contra

² FEBVRE, Lucien. **Martinho Lutero, um destino**. Trad. Dorothée de Bruchard. São Paulo: Três Estrelas, 2012, p. 29.

³ _____ . **Martinho Lutero, um destino**, p. 29.

⁴ WALKER, Wiliston. **História da igreja cristã**. 3. ed. Trad. Paulo D. Siepierski. São Paulo: Aste, 2006, p. 493.



o abuso da venda de indulgências⁵, que criavam uma falsa segurança naqueles que as adquiriam e, portanto destrutivas ao verdadeiro cristianismo, que proclama a cruz de Cristo e do cristão, não a libertação do merecido castigo. Portanto, isso já é bastante para se dizer que o interesse das 95 teses era mais pastoral e teológico do que político.

Três anos após as 95 teses, Lutero trouxe a público três panfletos de grande relevância ao programa da Reforma: “*À Nobreza Cristã da Nação Alemã*”, “*Do Cativo Babilônico da Igreja*” e “*Da Liberdade Cristã*”. Nesses escritos, Lutero convida aos alemães a reformarem a nação; atacou o sistema sacramental da igreja medieval, afirmando que havia somente dois sacramentos⁶: o batismo e a eucaristia; negou a transubstanciação e a missa sacramental; e, por fim, em “*Da Liberdade Cristã*”, documento direcionada ao papado, Lutero esclarece a sua compreensão sobre a doutrina da justificação pela fé. Em 18/02/1546, na cidade onde nascera, Eisleben, ao 63 anos de idade, por ocasião de uma viagem, Lutero veio a falecer. Por esse período a Reforma já havia se expandido por toda a Europa.

A Saxônia (Alemanha) do século XV

No início do séc. XV, a região da Saxônia, onde hoje é a atual Alemanha, era a mais religiosa da Europa. Os levantes heréticos da baixa Idade Média haviam sido contidos, porém, a hierarquia eclesiástica e as ordens monásticas, ainda eram alvos de bastantes críticas, mesmo assim, “o anticlericalismo virulento tinha pouca evidencia”⁷. Segundo Walker, o papado tinha mais poder na Saxônia do que em qualquer outro país da Europa, exceto a Itália.

A devoção e a piedade leiga, conquanto permitindo frequentemente excessos dos mais selvagens, ainda fluía por canais tradicionais. As peregrinações e as missas pelos mortos eram mais populares que nunca. A veneração dos santos, especialmente a Virgem Maria e de sua mãe, Santa Ana, havia aumentado dramaticamente. Havia muitas coleções de relíquias e a venda de indulgências se multiplicava. Eram construídas muitas novas igrejas, capelas e santuários. Leigos piedosos faziam doações para o sustento de pregadores, visando à

⁵ As indulgências eram permitidas, Lutero não se opôs a elas em si, mas contra a forma exagerada com que estas estavam sendo comercializadas, mas não só isso. Para Lutero, as indulgências traziam uma falsa segurança aos cristãos. Mais informações, cf. FEBVRE. **Martinho Lutero, um destino**, p. 97-116; LANE, Tony, **Pensamento cristão: dos primórdios à Idade Média**. Vol. 1. 4. ed. Trad. Eliseu Pereira. São Paulo; Abba Press. 2007, p. 190/97.

⁶ Do ponto de vista religioso, os sacramentos eram o elemento de maior importância da igreja medieval. Na Idade Média se entendia que o divino se fazia presente no mundo por meio de formas sacramentais. Muitos eram os sacramentos: os feitos de Cristo e seu sofrimento; os evangelhos; os símbolos da Bíblia; os símbolos dos edifícios eclesiásticos, etc. Em suma, a questão medieval era: ter a presença do sagrado. Cf. TILLICH, Paul. **História do Pensamento Cristão**. 4. ed. Trad. Jaci Maraschm. São Paulo: Aste, 2007. p. 163/66.

⁷ WALKER. **História da igreja cristã**, p. 489.



pregação regular, nas principais vilas e cidades. A literatura ortodoxa era lida avidamente. Portanto, não se pode dizer que a Alemanha [...], estava em 1500 em um estado de revolução incipiente contra o governo e o poder venerável da igreja romana.⁸

Longe de ser uma época de decadência, como pensam muitos, os dois séculos anteriores à Reforma mostraram-se vitais frente às mudanças e desafios florescentes. Isso não significa negar que não houvesse intensas sublevações, sejam políticas, econômicas e sociais, assim também como religiosas. Abaixo da superfície, havia muitos descontentamentos e desavenças. O que arruinava a igreja era o seu fiscalismo. O papado renascentista sobrevivia desses meios de fiscalismo e estava sempre à beira da falência, isso porque precisava de imensas somas que tinham como propósito sustentar sua posição política na Itália. Walker diz que para manter suas altas despesas, o papado criava novos e mais opressivos impostos, multas e taxas que eram pesadas demais sobre o clero mais alto que, por sua vez, passava-os ao clero inferior que, finalmente, chegava ao laicato. Essa hierarquia fizera com que Roma viesse a se tornar sinônimo, em especial na região da Saxônia, de venalidade e avaréza. Tal fiscalismo trazia consigo fraquezas morais como a *simonia*⁹ clerical, o nepotismo, o pluralismo, o absenteísmo e a concubinação, os paroquiais que, além de ter uma formação mínima, normalmente viviam com concubinas. Segundo Walker, estes pagavam “uma multa anual para seus bispos”¹⁰, para ter tais concubinas.

O despertar religioso da Baixa Idade Média trouxe enormes expectativas. A igreja institucional não fora ameaçada pelo secularismo nem pela indiferença para com a religião, o que se queria era uma igreja pura, apostólica, segundo o Novo Testamento retrata. Não se queria menos, mas uma religião melhor, o que significava para eles, uma cristandade mais bíblica. O pensamento humanista – pensamento filosófico do qual Lutero compartilhava –, buscava uma renovação moral e episcopal da cristandade por meio da inculcação das letras sacras e humanas, ou seja, a Sagrada Escritura e as artes liberais. Walker assegura que:

Esse retorno “às fontes” (ad fontes) das culturas clássica e cristã – esse programa de “reforma por restauração” – era comum tanto aos humanistas

⁸ _____ . **História da igreja cristã**, p. 489.

⁹ “*Simonia*”, deriva do nome Simão. Segundo o livro de Atos 8. 9-24, este era um mago de Samaria que enganava o povo por meio de mágica. Certo dia Pedro e João foram a essa cidade e, ao fazerem descer o “dom do Espírito” sobre os convertidos dessa cidade, Simão lhes ofereceu dinheiro para ter aquele poder também. Então, Simonia seria “a prática de comprar cargos eclesiásticos, em referência ao interesse de Simão em comprar o dom do Espírito”. FUENTES, Devid Cortes, “Simão – o mago” in: GONZÁLEZ, Justo L. (Org.). **Dicionário ilustrado dos interpretes da fé**. Trad. Reginaldo Gomes de Araújo. São Paulo: Hagnos, 2008, p. 586.

¹⁰ WALKER. **História da igreja cristã**, p. 490.



como aos reformadores protestantes e também determinava a percepção geral das classes cultas e nas vilas e cidades. A ironia é que a igreja romana, no meio de uma nova onda de devoção religiosa, deixou de exercer a liderança moral e espiritual nos escalões mais elevados e foi incapaz, no nível paroquial, de nutrir e guiar a piedade leiga que estava germinando.¹¹

Uma época de ansiedade

Se uma época merece ser chamada de "idade da ansiedade" essa é a pré-Reforma e Reforma. A *religiosidade* popular às vésperas da Reforma protestante tinha um caráter bastante dúbio e um ideal mais severo do que encorajador. O crescente sentimento de temor frente ao pensamento das Últimas Coisas, uma sensação de mal-estar, a percepção de que algo estava fora dos eixos, aliada às expectativas religiosas, produziu uma época de muita ansiedade. A preocupação quanto ao destino e com a morte, da culpa e da condenação e uma ansiedade espiritual do vazio e da falta de sentido marcava as vidas na Europa de então. Deschamps, entendendo que havia um sentimento geral de desânimo e melancolia naquela sociedade, exprime: “agora o mundo está covarde, decaído e fraco, velho, cobiçoso, com línguas confusas/vejo apenas fêmeas e machos estúpidos/o fim se aproxima, na verdade [...] tudo vai mal”¹².

A isto foi acrescido a destruição da peste bubônica, isto é, a Peste Negra, que alcançou o seu ápice na Inglaterra em meados de 1349, arrasando um terço da população da Europa. Não obstante, o conhecimento de novas doenças, como a sífilis, que fora trazida do Novo Mundo pelos marinheiros de Colombo, veio formar o enredo dos horrores. Completando o quadro macabro, tomamos conhecimento da criação do canhão de pólvora que tornou as guerras em selvageria. No início do séc. XIV, houve uma intensificação da crise agrária, que levou alguns ao canibalismo. George diz que “em 1319, noticiou-se que cadáveres de criminosos eram tirados da forca e comidos pelos pobres na Polônia e na Silésia”¹³.

A visão da *morte* permeava as mais diversas formas de comunicação daquela época, como nos sermões, nas xilogravuras, assim também nas pinturas, na literatura e nas esculturas daquele período. Ela era retratada em forma esquelética, como uma figura dançante tragando suas vítimas. Nas sepulturas os corpos eram, frequentemente, retratados nus, com as bocas

¹¹ _____. **História da igreja cristã**, p. 490.

¹² DESCHAMPS, Eustache *apud* GEORGE, Timothy. **Teologia dos reformadores**. 1. ed. Trad. Gérson Dudus e Valéria Fontana. São Paulo: Vida Nova, 1994, p. 25.

¹³ _____. **Teologia dos reformadores**, p. 26.



escancaradas, punhos cerrados e entranhas devoradas por vermes. Ninguém estava livre dela: o rico mercador, o corpulento monge, nem o pobre camponês.¹⁴

Enquanto isso, a igreja dizia que o destino de uma pessoa era assegurado por quão efetivamente ela se apropriava das graças sacramentais da igreja para que pudesse apresentar obras verdadeiramente meritórias, sendo que apenas uma fé ativa em obras de amor poderia ser uma fé salvífica. Todavia, essa correlação medieval de graça e mérito trazia às mentes sensíveis uma dúvida terrível: por ventura eu realizei obras que agradaram a Deus? O que eu fiz é o suficiente para que esteja seguro da aceitação divina? Ainda mais, Walker revela:

Também [que] há forte evidência de que a totalidade do sistema sacramental da igreja, sobretudo o sacramento central da penitência, era experienciado pelos fiéis como mais opressor que libertador, no mínimo porque os benefícios espirituais oferecidos pela igreja estavam muito frequentemente vinculados a questões monetárias e propósitos políticos.¹⁵

A ansiedade da condenação, que tinha seu símbolo na ira divina, sendo intensificado pelas imagens do inferno e do purgatório, obrigou a muitos durante a alta Idade Média a buscar vários meios de aliviar sua ansiedade.

Peregrinações a lugares santos, se possível a Roma; exercícios ascéticos, às vezes de um caráter extremado; devoção a relíquias, muitas vezes ajuntadas em coleções; aceitação de castigos eclesiásticos e o desejo de indulgências; exagerada participação em missas e penitências; aumento nas rezas e esmolas.¹⁶

Em suma: Como poderei apaziguar a ira divina? Como poderei atrair a misericórdia divina e o perdão dos pecados? Dar respostas a essas questões não era algo simples.

Assim, o que se espera em uma época de muitas angústias é que uma mensagem de consolação religiosa fosse o suficiente às consciências ansiosas. Uma mensagem que traga esperança de alívio aos abusos eclesiásticos e, certamente, tal mensagem viria desempenhar um apelo poderoso em muitos círculos da sociedade. Embora muitas pessoas achegaram-se a Reforma protestante por motivos diversos – pois em uma sociedade na qual religião e política eram inseparáveis –, também é certo que a Reforma alcançou sucesso popular porque atendeu, ou prometeu atender, às necessidades de muitas pessoas que aspiravam seriamente às consolações da religião cristã. Tais pessoas não eram inimigas da igreja, eram perseguidoras sinceras da

¹⁴ _____. **Teologia dos reformadores**, p. 26-27.

¹⁵ WALKER. **História da igreja cristã**, p. 491.

¹⁶ TILLICH, Paul. **A Coragem de Ser**. 5 ed. Trad. Eglê Malheiros. São Paulo: Paz e Terra, 1992, p. 47/8.



salvação que buscavam auxílio na igreja e “voltavam-se contra a religião tradicional e seus representantes com fúria de amor desiludido”¹⁷. Podemos afirmar que Lutero era um homem afligido pelos pavores, anseios, angústias, e esperanças de sua época.

Mesmo sendo a peleja de Lutero algo pessoal, ela é a epítome dos medos e das esperanças de sua época. Era, poderíamos dizer, simplesmente como todos os outros, talvez apenas algo mais. Além disso, sua doutrina da justificação e sua teologia da igreja, que se desenvolveu a partir dela, falaram poderosamente às concepções principais de seu tempo.¹⁸

Esse aspecto mostra que a teologia, não só de Lutero, mas de todos os demais reformadores, foi uma resposta específica às ansiedades, medos e necessidades do seu tempo.

A compreensão de fé antes de Lutero

Até Lutero o entendimento da justificação que prevaleceu desde a teologia patrística à medieval era baseado no “casamento” entre a fé cristã e a filosofia grega. Assim, a reconciliação era compreendida como a realização de um novo relacionamento ontológico que se dava entre a divindade e o ser humano. A ideia grega da “divinização” foi cristianizada e “a salvação tornou-se uma participação no esplendor do Ser, que é Deus”¹⁹.

Atanásio entendia que “Cristo tornou-se Deus homem para que nós pudéssemos tornar deuses”²⁰. Irineu pensava que o “tornar-se carne do Logos significou um golpe de um poder divino e duradouro sobre o reino da fraca e não-redimida natureza”²¹. Tal poder fora transmitido aos humanos em “ondas sempre novas”, por meio dos sacramentos. Já Inácio falava que a eucaristia era “a medicina da imortalidade”²². Havia quem afirmasse que o batismo derrotava a morte e restituía ao ser humano a “imagem” que um dia perdera por meio da queda.

A morte é derrotada pelo perdão dos pecados: pois a eliminação da culpa implica, também, a eliminação da pena. Dessa maneira, Deus restaura no ser humano a “sua semelhança”, uma vez que, no princípio, a humanidade havia sido criada “à sua imagem”. A condição de ser criada “à sua imagem” relaciona-se à forma humana; o fato de o homem ser criado “sua semelhança” se refere à sua eternidade: pois a humanidade recebe de volta aquele Espírito de Deus, que

¹⁷ WALKER. **História da igreja cristã**, p. 491.

¹⁸ GEORGE. **Teologia dos reformadores**, p. 26

¹⁹ GEORGE. **Teologia dos reformadores**, p. 65.

²⁰ ATANASIO *apud* GEORGE. **Teologia dos reformadores**, p. 65.

²¹ _____. **Teologia dos reformadores**, p. 65.

²² _____. **Teologia dos reformadores**, p. 65.



no princípio foi recebido por intermédio do sopro divino, mas que foi mais tarde perdido por meio da queda.²³

Agostinho, uns dos mais importantes e prolíferos pais da igreja, em sua polêmica com os *donatistas*²⁴ desenvolveu a ideia de que os sacramentos – *batismo* e a *eucaristia* (ceia do Senhor) – transmitiam graça “*ex opere operato*” (“em virtude do próprio ato”²⁵) isto é, o ato de Cristo. Dessa forma, a validade e o poder do sacramento baseiam-se na santidade de Cristo, já o sacerdote que o administra é mero instrumento da graça. O ser humano herdou a culpa do pecado de Adão e Eva e, por isso, é corrupto por natureza. O batismo se faz necessário para livrá-lo da culpa, trazendo-o de volta à salvação. Essa infusão da graça, por meio do sistema sacramental-penitencial, continuava o processo da justificação iniciado no batismo. Então, se entendia que “nesta vida, o cristão é sempre um *viator*, um caminhante, que permanece suspenso entre a graça de Deus, revelada em Cristo e medida pelos sacramentos [...]”²⁶.

Em sua polêmica contra Pelágio, que entendia a graça como algo que era inerente as faculdades humanas, Agostinho diferenciou as faculdades naturais humanas e o dom especial da graça. Deus não abandonou a humanidade no estado em que se encontra agora: totalmente incapacitada pelo pecado de salvar-se. Entretanto, deu-nos a graça para que possamos ser curados, perdoados e redimidos. A natureza humana caída, frágil e fraca é, por isso, necessitada do auxílio e dos cuidados de Deus para ser renovada e restaurada. Em sua excelente exposição antipelagiana “*natura et gratia*” (da natureza e da graça), ele assegura que:

A natureza humana foi, com certeza, originalmente criada sem culpa e sem pecado (*vitium*); mas essa natureza, que cada um de nós agora herda de Adão, precisa de um médico, pois está enferma. Tudo o que ela tem de bom, por meio de sua concepção, vida, sentidos e mente, é proveniente de Deus, seu criador. Mas a deficiência que ofusca e incapacita todas essas excelentes habilidades

²³ TERTULIANO *apud* MCGRATH, Alister E. **Teologia sistemática, histórica e filosófica: uma introdução à teologia cristã**. Trad. Marisa K. A. de Siqueira. São Paulo: Shedd, 2005, p. 503/04.

²⁴ O movimento dos “*donatistas*”, de Donato, Bispo de Cartago 313-47, nasceu da questão de conduta sobre os que tinham “caído”. No mês 02/303, Diocleciano publicou um édito ordenando que os livros cristãos fossem queimados. Muitos entregaram seus livros à serem queimados, ficara conhecidos por “*traditores*”, isto é, traidores ou entregadores. Em contra partida, havia os “*confessores*”, aqueles que não entregaram seus livros. Ao findar da perseguição, aqueles quiseram retomar os cargos, mas estes não aceitaram, pois eram traidores. Isso ocasionou um cisma. A justificativa foi exatamente a restauração dos que haviam caído. Os donatistas diziam que o papel desempenhado pelo sacerdote/bispo era substancial, ou seja, tinha que ser santo e estar em comunhão com a igreja, não instrumental, como pensava Agostinho. Para esse, o sacramento baseava-se no conceito de Cristo, o único sem pecado; doador da graça sacerdotal. Cf. GONZÁLEZ. **História Ilustrada do Cristianismo**. p. 160/3; MCGRATH, Alister E. **Teologia histórica**. 1 ed. Trad. Susana Klassen. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p. 87/9; OLSON, Roger E. **História da teologia cristã**. Trad. Gordon Chown. São Paulo: Vida, 2001, p. 270.

²⁵ OLSON. **História da teologia cristã**, 2001, p. 270.

²⁶ GEORGE. **Teologia dos reformadores**, p. 66.



naturais, motivo pelo qual essa natureza precisa ser iluminada e restaurada, não tem origem no criador irrepreensível, mas no pecado original, cometido por intermédio do livre arbítrio (*liberum arbitrium*). Por essa razão, nossa natureza culpada está sujeita a uma punição justa. Pois se agora somos uma nova criatura em Cristo, éramos, antes, filhos da ira, como todos os homens. Mas Deus, que é rico em misericórdia, devido ao grande amor que nos amou, mesmo quando estávamos mortos em nossos delitos e pecados, ressuscitou-nos para a vida em Cristo, por meio de cuja graça somos salvos. Mas essa graça de Cristo, sem a qual nem as crianças e nem adultos podem ser salvos, não é concedida como recompensa por méritos próprios, mas é gratuitamente (grátis) concedida e, por esse motivo, é chamada graça (*gratia*).²⁷

Assim, a humanidade é justificada por um ato de graça, o que leva à salvação é o dom gratuito de Deus, que fora concedido aos pecadores por amor. A humanidade não tem controle sobre a sua natureza pecaminosa que nos contamina desde que nascemos. Pode se dizer que, para Agostinho, o indivíduo nasce com uma disposição para pecado.

McGrath²⁸ aponta três noções “essenciais” sobre graça em Agostinho:

“*Graça preveniente*” (“vir à frente”), isto é, a graça de Deus está atuando na vida do ser humano antes mesmo deste se converter. A “graça vem à frente” da humanidade, preparando a vontade humana para o ato de conversão. Com isso, entende-se que a graça não torna atuante, operante na vida de uma pessoa somente após sua conversão, pois o processo que leva à salvação é um processo preparatório, já que a graça proveniente de Deus está ativa.

“*Graça operativa*”, aqui Agostinho enfatiza o aspecto de que Deus opera a conversão sem que haja qualquer participação dos pecadores. A conversão é puramente divina, sendo que é Deus quem age sobre o pecador. “O termo “graça operativa” é usado como uma referência ao modo pelo qual a graça *preveniente* não depende da cooperação do homem para produzir seus efeitos [...]”²⁹.

“*Graça cooperativa*”, Deus, após a conversão do pecador, colabora com a renovada disposição do ser humano, no sentido de conseguir se transformar e crescer em santidade. Uma vez libertada a vontade humana do pecado, Deus pode contribuir com a vontade livre do pecado.

²⁷ AGOSTINHO *apud* MCGRATH. **Teologia sistemática, histórica e filosófica: uma introdução à teologia cristã**, p. 510.

²⁸ MCGRATH. **Teologia sistemática, histórica e filosófica: uma introdução à teologia cristã**, p. 514-515.

²⁹ AGOSTINHO *apud* MCGRATH. **Teologia sistemática, histórica e filosófica: uma introdução à teologia cristã**, p. 514.



Esse termo “*graça cooperativa*”, está ligado a maneira pela qual a graça atua na natureza da pessoa convertida.

A compreensão de fé na escolástica

Após um logo período de pouca criatividade no que se refere a teologia cristã, iniciou, no séc. XI, um pensar intelectual a respeito de Deus e da salvação no Ocidente. Esse despertar intelectual, conhecido por *escolástica*³⁰, nasceu das grandes ordens monásticas reformadoras da Europa e culminou nas universidades, como a de Paris e Oxford. O pensamento da escolástica dominou o Ocidente desde os 1100 ao seu declínio nos sécs. XIV e XV, dando lugar ao pensamento humanista da Renascença.

O escolasticismo medieval foi marcado por três características: abraçou com paixão a razão como um caminho para o conhecimento, mesmo na teologia. O seu lema era: “a fé em busca de entendimento” ou “creio pra compreender”; havia também uma grande preocupação em relacionar as filosofias não-cristãs e a revelação divina. Até então, a maior parte da teologia cristã dependia do pensamento de Platão e suas muitas formas. Porém, no séc. XIII, começou a vir à tona as obras do aluno de Platão, Aristóteles. Conforme as obras de Aristóteles foram traduzidas para latim, logo “os teólogos escolásticos esforçaram-se para demonstrar a compatibilidade inerente das ideias dos principais dos filósofos com as verdades do cristianismo”³¹.

Na *escolástica*, a doutrina da justificação foi aperfeiçoada por meio da distinção entre “*graça real*” e “*graça habitual*”. A “*graça real*” era aquela que concedia o perdão dos pecados reais, desde que fossem declarados na confissão. Entretanto, a graça real não era o suficiente para remover a culpa do pecado original ou para transformar o pecador ontologicamente.

A “*graça habitual*” tinha o poder de conferir à alma uma qualidade divina, o que capacitava a pessoa a realizar atos justos. Essa graça habitual era graça pura e não resultado de méritos. Não obstante, uma pessoa era declarada justa porque já havia sido feita justa, ao menos até certo ponto, pela infusão de uma qualidade sobrenatural. George acrescenta que “o veredicto da

³⁰ Do latim “*schola*” (escola), que por sua vez vem do grego “*scholè*”, palavra que dá origem a “*escolástico*” e “*escolado*”, foi aplicado aos professores na corte ou na escola palaciana e aos eruditos medievais que se valiam da filosofia no estudo da religião. Cf. CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã**. 2 ed. Trad. Israel Belo de Azevedo. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 207; OLSON, **História da teologia cristã**. p. 317.

³¹ _____, **História da teologia cristã**, 2001, p. 319.



justificação era o pronunciamento médico de recuperação, um certificado de saúde atestando a natureza transformada do paciente”³².

Aquino pensava que havia um abismo entre a humanidade e Deus. Tal abismo impede Deus de se fazer diretamente presente na natureza humana. Ele entendia que a salvação não era experimentada sem a graça de Deus, isto é, a ação divina que nos leva à união com ele. Ele cria que a graça era uma obra divina que elevava os seres humanos além da natureza a ponto de se tornarem coparticipantes da natureza divina. Depois, a natureza humana não ficou arruinada com a queda, ela foi danificada, mas a imagem básica de Deus, isto é, a razão, manteve-se intacta. Deste modo, a graça, que se mantém ativa pelo batismo, pela fé, pelos sacramentos e pelas boas obras em amor, restaura somente o que foi perdido, o relacionamento com Deus.³³ Essa dádiva de Deus era infundida na pessoa pelos sacramentos. Fé é fidelidade, uma eterna devoção a Deus em obediência.

Assim, para romper com o abismo, Deus permanece presente no indivíduo, por meio de um estágio intermediário, que ele chamou de “um habito de graça”, isto é, “algo de sobrenatural na alma humana”³⁴, onde esta é preparada. Como poderemos observar, Lutero abriu mão dessa figura médica de participação-infusão, em favor de uma linguagem forense de imputação. Onde

Deus aceita a justiça de Cristo, que é diferente de nossa natureza própria, por ser nossa. Embora nossos pecados não sejam realmente removidos, deixam de ser denunciados contra nós.³⁵

A pré-Reforma

Os séculos XIV e XV foram tempos de muitas aflições e decepções, como já vimos. O nacionalismo estava em alta, a peste Negra dizimava a população e a igreja estava desmoronando ética e politicamente. A esperança de uma Europa unificada sob o governo papal e do imperador começou a desvanecer quando a igreja caiu nas mãos dos reis franceses mudando a residência do papado para Avinhão (1309-1377). Os reis do chamado Sacro Império Romano entraram em guerras uns contra os outros. O Grande Cisma da igreja, onde três homens conseguiram reivindicar o título de papa (1378-1417), trouxe o descrédito a tal instituição. Não demorou e

³² GEORGE. **Teologia dos reformadores**, p. 66.

³³ OLSON, **História da teologia cristã**. P. 352.

³⁴ MCGRATH. **Teologia sistemática, histórica e filosófica: uma introdução à teologia cristã**, p. 515.

³⁵ _____. **Teologia dos reformadores**, p. 71.



alguns teólogos começaram a cobrar reformas que iam desde as estruturas morais dos clérigos à teologia.

Não bastava o problema do nacionalismo e a questão moral eclesiástica, outro fenômeno ajudou nas mudanças radicais tanto na igreja como na cultura: a Renascença. A Renascença foi uma tendência da elite cultural da Europa, que teve início no séc. XIV e alcançou seu clímax no séc. XVI. Foi uma reação contrária ao controle opressivo sobre a cultura de governantes e clérigos corruptos, esse movimento foi marcado por sua ênfase nas artes e ciências humanas e na busca de algo novo que tirasse a civilização europeia da “Idade das Trevas”, e a encaminhasse a uma nova era de prosperidade. Pensava-se que o novo poderia vir do passado, daí o retorno às artes e leituras clássicas. Essa foi também a tendência dos teólogos da Reforma, um retorno às origens.

Na teologia podemos citar três teólogos que foram muito influentes nesses duzentos anos que antecedem a Reforma: Guilherme de Ockam, João Wycliffe e Erasmo de Roterdã. Ockam, assim como Wycliffe, reagiram à autoridade opressiva do papa e da hierarquia eclesiástica e também contra o escolasticismo na filosofia e teologia. Erasmo publicou uma edição do Novo Testamento em grego, o primeiro com aparato crítico. Erasmo também ficou famoso por sua “filosofia de Cristo”, que era uma alternativa à filosofia e teologia escolástica. Ockam foi responsável pela renovação do nominalismo que ajudou na criação de reformas dentro da Igreja Católica que recebeu o nome de conciliarismo.

A fama de Wycliffe não foi só por seu trabalho de tradução da Bíblia, mas também por suas ideias que influenciaram o reformador da boêmia, João Hus, que, por sua vez, influenciou Lutero. Dessa forma, as ideias de Wycliffe, também influenciaram tanto a Lutero como a igreja da Inglaterra. Olson assegura que os “três homens – Occam, Wycliffe e Erasmo – serviram de ponte entre o escolasticismo medieval e o protestantismo”³⁶.

Portanto, todas essas questões e situações – o baixo teor ético-moral do clero, as situações naturais que a igreja não podia explicar como espirituais simplesmente, como a peste bubônica, os problemas administrativos da igreja e as novas ideias advindas de Renascença e por fim, a política – contribuíram em muito para a Reforma do séc. XVI. Acredita-se que foi a

³⁶ OLSON, *História da teologia cristã*. P. 358.



incapacidade que a igreja teve de assumir a direção religiosa que deixou o cominho aberto para a reforma de Lutero.³⁷

A compreensão³⁸ de fé de Lutero

Estejamos esclarecidos que a ideia de fé em Lutero não tem nada em comum com qualquer tentativa de criar uma coragem ou força, um pensamento positivo em nós mesmos. Ela não “pode ser relacionada a uma condição psicológica [ou mesmo sociológica] de confiança que pode existir sem um objetivo de confiança e separada de um relacionamento pessoal [com Deus]”³⁹. A fé é uma relação entre Deus e o homem, “toda declaração de fé é uma afirmação concernente a Deus e o homem ao mesmo tempo”⁴⁰. “Esses dois termos, Deus e fé, são unidos e devem ser associados”,⁴¹ afirmou Lutero.

³⁷ RIBEIRO, Daniel Valle. **A cristandade do ocidente medieval**. São Paulo: Atual Editora, 1998, p. 85/6.

³⁸ A compreensão e, conseqüentemente, a ideia de justificação pela fé que Lutero defendeu no séc. XVI, decorre da cosmovisão paulina, expressa na Epístola aos Romanos. Baseando-se no livro da Bíblia Hebraica, *Habacuc*, Paulo vai defender a ideia de que “o justo viverá da fé” (cf. Hb 2.4; Rm 1.16-17). Tida como a *prothesis* – a tese sobre a qual a argumentação posterior deve ser provada e explicada –, Paulo argumenta que a justiça de Deus é operada somente pela fé para todos, sem privilégios (cf. 1,18-4,25); e que a graça é concedida a todos que são de Cristo (cf. 5-8). A Epístola aos Romanos, é uma das mais brilhantes obras da literatura neotestamentária. Nela encontra-se o pensamento acurado e desenvolvido do apóstolo Paulo, pois essa seria, segundo os estudiosos, a última das obras escritas por Paulo. A Carta aos Romanos expõe o pensamento de Paulo que se observa nas demais cartas anteriormente escritas ou supervisionadas por ele. Temas como: a “teologia natural” I Co 1.21; a justificação exclusiva pela fé Gl 3s.; Fp 3; Adão e Cristo I Co 15.22ss., 45ss.; Abraão Gl 3s.; a Igreja e os dons da graça I Co 12, e muitos outros que foram anteriormente abordados pelo apóstolo, podem ser observados aqui. Porém, Paulo os tratou lá sempre em oposição a determinados adversários cristãos ou grupos na comunidade. Entretanto, na Epístola aos Romanos, esses temas não são postos em confrontação a um grupo ou comunidade, mas são apresentados como reflexão em princípio (cf. VIELHAUER, Philipp. **História da Literatura Cristã Primitiva: introdução ao Novo Testamento, aos Apócrifos do Novo Testamento e os Pais Apostólicos**. Trad. Ison Kayser. São Paulo: Academia Cristã, 2012, p. 217). Composta para ser uma orientação que buscava resolver determinadas situações em que aquela comunidade em Roma estava passando, a saber, a questão judeu-cristã – diferente de Gálatas, que também trata desse mesmo assunto, só que de forma mais concreta e direta sem muitas explicações e reflexões sobre o assunto –, a Carta aos Romanos é uma exposição mais tranquila, refletida e completa sobre tais pontos, que põe em ordem os temas que giram em torno da controvérsia. Mesmo assim, com toda essa coerência e cadência desse documento, ele não deve ser considerado, como todos os demais escritos do Novo Testamento, uma obra teológica em sentido próprio. Já disseram que: “A epístola aos Romanos representa uma das mais belas sínteses da doutrina paulina. Todavia, não é síntese completa, nem é a doutrina toda”. (BÍBLIA DE JERUSALÉM. ed. rev. e amp. São Paulo: Editora Paulus, 2002). Ela fora escrita para uma determinada situação, por isso, diz respeito àquela situação concreta. Nas Epístolas aos Coríntios, outros dois documentos do cânon neotestamentário de autoria de Paulo, o Cristo é posto em oposição à sabedoria do mundo, que é uma sabedoria vã, enquanto que o Cristo é a sabedoria de Deus (cf. I Co 1. 17-25). Já a Epístola aos Romanos, juntamente com a de Gálatas, Paulo “opõem o Cristo Justiça de Deus à justiça que os homens pretendiam merecer por seus próprios esforços” (BÍBLIA DE JERUSALÉM. ed. rev. e amp. São Paulo: Editora Paulus, 2002). Enquanto lá, em Coríntio, o perigo advinha do pensamento grego, com sua fé bria na razão; aqui e em Gálatas, ele advém do espírito judaico com seu orgulho e confiança na Lei.

³⁹ ALTHAUS, Paul. **A teologia de Martinho Lutero**. 1. ed. Trad. Horst Reinhold Kuchenbecker. Canoas: UBRA, 2008. p. 59.

⁴⁰ AULÉN, Gustaf. **A fé cristã**. Trad. Dirson Glênio Vergara dos Santos. São Paulo: Aste, 2002, p. 36

⁴¹ LUTERO *apud* AULÉN. **A fé cristã**, 2002, p. 36.



Fé é a resposta, o ato de vontade com a qual a pessoa apega-se à palavra da promessa, ou seja, ao evangelho. Pode ser dito que a fé tem dois como objetivo: Deus e a palavra da promessa. Sem fé não se alcança nada via meios moralistas, porque não há nada de bom no homem.⁴²

Eu sei que não faço nada de bom, que todas as coisas aparentemente boas são ambíguas, e que a única coisa boa dentro de mim é a declaração de Deus de que eu sou bom, de tal maneira que, ao aceitar essa declaração divina, a realidade se transforma e podem se seguir ações de natureza ética.⁴³

Deixar de reconhecer isso, é o mesmo que inverter o relacionamento religioso e ético. Assim ocorre quando dizemos: “Oh, Deus deve me amar porque eu o amo e faço todas as coisas que ele exige de mim”⁴⁴.

A fé não é só mais uma doutrina entre as demais, mas “o resumo de toda a doutrina”, “o artigo pelo qual a igreja se mantém ou cai”⁴⁵. “Nada nesse artigo”, advertiu Lutero, “pode ser abandonado ou transgredido, mesmo no céu e na terra, e as coisas temporais devem ser destruídas”⁴⁶. Foi essa compreensão sobre o artigo da fé que trouxe o estopim da Reforma no séc. XVI.

A questão de como Lutero chegou a tal *compreensão* e porque a considerou tão vital ainda não tem uma ampla aceitação. Uns consideram que Lutero tomou seu próprio rumo, outros pensam que Lutero sofreu influências de seus doutores, tanto pessoal, como os escritores.

Febvre argumenta que ninguém apontou o caminho que Lutero devia seguir. Ele pensa que Lutero foi o responsável “solitário e secreto”⁴⁷ do seu próprio caminho, não de sua doutrina, mas sim de sua “tranquilidade interior”⁴⁸. Isso Lutero o fez concentrando suas meditações não

⁴² Tillich lamenta que a “frase *sola fide* é a mais mal-entendida e prejudicada expressão da Reforma. As pessoas entendem, em geral, que se fizermos a boa obra da crença, especialmente crendo em algo não acreditável, nos tornaremos bons perante Deus. A frase não deveria ser, “apenas pela fé”, mas “apenas pela graça, recebida unicamente por meio da fé”. Fé significa nada mais do que a aceitação da graça”. TILLICH, Paul. **História do Pensamento Cristão**. 4. ed. Trad. Jaci Maraschimm. São Paulo: Aste, 2007. p. 235. Assim também Aulén acrescenta que a história do dogma mostrou que essa palavra (fé), tomou muitos significados, sendo que, em muitos desses, se tentou obscurecer a natureza essencial do cristianismo, ao invés de aclará-la. Não obstante, no meio popular tem-se atribuído a fé um sentido de conhecimento duvidoso, o que é totalmente incoerente ao pensamento cristão tradicional. Diz Aulén: “Entre todos os significados que a palavra porventura possa ter tido, nenhum é mais inexato de que a fé é uma espécie de conhecimento subalterno ou opinião incerta sobre Deus e sua ação”. AULÉN. *A fé cristã*, 2002, p. 36.

⁴³ TILLICH. **História do Pensamento Cristão**, p. 235.

⁴⁴ _____. **História do Pensamento Cristão**, p. 235.

⁴⁵ LUTERO *apud* GEORGE. **Teologia dos reformadores**, p. 64.

⁴⁶ _____. *apud* GEORGE. **Teologia dos reformadores**, p. 64.

⁴⁷ FEBVRE. **Martinho Lutero, um destino**, p. 71.

⁴⁸ _____. **Martinho Lutero, um destino**, p. 71.



em um problema racional, “mas a sua paz [...], que ele de início vislumbrou, e em seguida enxergou claramente, um meio de escapar aos terrores, aos tormentos, às crises de ansiedade que o consumiam”⁴⁹. Nem mesmo Johann Staupitz⁵⁰ teve alguma influência, em sentido doutrinário, ou uma “iniciativa de uma mudança ‘radical’”⁵¹ na vida de Lutero. No máximo, ele o consolou e o confortou espiritual e moralmente. “Ensinou-lhe a não se deixar invadir e torturar pela obsessão do pecado [...]”⁵².

George também rejeitou a ideia de que a doutrina da justificação de Lutero seja o resultado de uma percepção arrasadora. Assegura que sua doutrina foi desenvolvida ao longo de anos, sendo que essa sofreu muitas influências do pensamento da baixa Idade Média. A mudança mais significativa foi a redefinição da justificação em uma estrutura não-agostiniana.⁵³

Para Febvre, não podemos nem mesmo assinalar o progresso de tal compreensão, uma vez que, desde o *Comentário aos Salmos* – onde já se observa, com timidez, alguns dos principais temas da teologia luterana –, ao *Comentário à Epístola aos Romanos*, onde esse pensamento já é bem amplo e está fortemente relacionado com o do apóstolo Paulo.

Não se pode reconstituir, com base nos textos (...), a evolução de um pensamento ainda hesitante e de sentimentos que, com demasiada frequência, recorrem, para expressar, a formulações aprendidas e, por vezes, equivocadas.⁵⁴

Já para George, não só é possível depreender tal evolução e, no seu entender, a resposta está nos escritos do próprio Lutero.

Em 1545, na introdução da primeira edição de suas obras em latim, Lutero fala do seu rompimento com a igreja e expõe suas questões pessoais sobre o tema da justiça de Deus:

Eu fora tomado por uma extraordinária paixão em conhecer a Paulo na Epístola aos Romanos. Fazia-me tropeçar não a firmeza de coração, mas uma única palavra no primeiro capítulo: “A justiça de Deus é nele [no Evangelho] revelada” (Rm 1.17). Isso porque eu odiava esta expressão “justiça de Deus”, pois o uso e o costume de todos os professores me havia ensinado a entendê-la filosoficamente como justiça formal ou ativa (como a chamam), segundo a qual Deus é justo e castiga os pecadores e injustos. Eu não amava o Deus justo, que pune os pecadores; ao contrário, eu o odiava. [...] Aí Deus teve pena de mim.

⁴⁹ _____. **Martinho Lutero, um destino**, p. 71.

⁵⁰ Johann von Staupitz, era vigário geral da ordem dos agostinianos, amigo e conselheiro de Lutero. Posteriormente ele convidou Lutero a dar aula de Teologia bíblica na recém fundada Universidade de Wittenberg.

⁵¹ FEBVRE. **Martinho Lutero, um destino**, p. 65.

⁵² _____. **Martinho Lutero, um destino**, p. 65.

⁵³ GEORGE. **Teologia dos reformadores**, p. 70.

⁵⁴ _____. **Martinho Lutero, um destino**, p. 71.



Dia e noite eu andava meditando, até que, por fim, observei a relação entre as palavras: “A justiça de Deus é nele revelada, como está escrito: o justo vive de fé”. Aí passei a compreender a justiça de Deus como sendo uma justiça pela qual o justo vive através da dádiva de Deus, ou seja, da fé. Comecei a entender que o sentido é o seguinte: Através do evangelho é revelada a justiça de Deus, isto é, a passiva, através da qual o Deus misericordioso nos justifica pela fé, como está escrito: “O justo vive por fé”. Então me senti como que renascido, e entrei pelos portões abertos do próprio paraíso.⁵⁵

Lutero entendia que essa “justiça”, era o meio pelo qual Deus manifestava sua ira punindo os pecadores. Mesmo sendo um monge e tendo uma vida exemplar, não sentia paz consigo, o pavor do pecado o seguia. Junto a isso havia aquela sensação de não agradar a Deus com suas obras. Lutero compreendia, até então, a obra humana como pré-requisito para a justificação, isto é, algo que o pecador poderia fazer antes que pudesse ser justificado. Aos pouco, Lutero entendeu que isso não era possível, foi então que descobriu um novo sentido para a expressão “justiça de Deus”. Essa não era mais uma justiça punitiva, era a “justiça” que Deus concede ao pecador. Ou seja, “Deus satisfaz o pré-requisito, dando graciosamente aos pecadores aquilo que eles precisam para que sejam justificados”⁵⁶.

A fé é um dom magnífico e vivificante de Deus, que cria no homem um desejo constante de não ser indigno de sua nova condição.

Não o transforma de repente, em um passe de mágica: estimula-o, anima-o a empreender uma marcha paulatina e confiante rumo a um ideal que será alcançado na outra vida, quando a fé [...] terminar de expelir de nós, de expulsar por completo o velho Adão pecador.⁵⁷

A fé não é somente *antropocêntrica*, como o único caminho à salvação de uma pessoa, mas e sobretudo, *teocêntrica*. A fé não tem outro objeto que não seja Deus, pois só em Deus pode-se confiar incondicionalmente; depois, só a fé que confia sem condições, pode tratar Cristo como Deus.

Fé é esse relacionamento com Deus; e Deus é o único no qual podemos e devemos confiar. Se quisermos expressar o que é fé, precisamos falar de Deus. E se quisermos dizer quem é Deus, precisamos falar de fé.⁵⁸

Fé e Deus andam juntos. Por isso, sendo a fé teocêntrica, ela não se dirige a muitos objetos, mas unicamente a Deus.

⁵⁵ LUTERO, Martinho. A Epístola do Bem-aventurado Apóstolo Paulo aos Romanos. In: **Martinho Lutero Obras selecionadas**. vol. 8. Trad. Luís H. Dreher. São Leopoldo/RS: Sinodal, RS: Concórdia, 2003, p. 242-243.

⁵⁶ MCGRATH. **Teologia sistemática, histórica e filosófica: uma introdução à teologia cristã**, p. 519.

⁵⁷ FEBVRE. **Martinho Lutero, um destino**, p. 80.

⁵⁸ ALTHAUS. **A teologia de Martinho Lutero**, p. 59.



Pela fé as pessoas honram verdadeiramente a Deus como Deus. “A fé cria a divindade” resumiu Lutero – isso não significa que Lutero entendia que o homem cria a divindade⁵⁹, pois acrescenta: “não na pessoa de Deus, mas em nós”⁶⁰. Isso deixa claro que Deus existe como Deus sem nós e antes de crermos nele. Porém, ele deseja ser Deus em nós.

Dizer que a fé cristã seja algo fácil ou mesmo descrevê-la como uma virtude, só o fazem aqueles que “não provaram por nenhuma experiência e nunca tomaram gosto de quão grande é seu poder”⁶¹. É impossível que se escreva bem a respeito dela ou entenda bem escritos corretos sobre ela. Para compreensão da fé, é necessário que se tenha “alguma vez provado o espírito da mesma através de tribulações urgentes”⁶².

Entretanto, quem a provou, por pouco que seja, jamais poderá “escrever, dizer, pensar, ouvir o suficiente a respeito dela”⁶³, ela é uma fonte que jorra para a vida eterna. Essa crítica se dá porque no entender de Lutero muitos falavam de fé, mas sem nunca ter tido uma experiência. Eram debatedores “literais”, que faziam exposições elegantes, mas que não entendiam “suas próprias palavras”. Com seus discursos refinados só confundiam as cabeças leigas.

“Para abrir um caminho mais fácil para as pessoas rudes”⁶⁴, Lutero propôs a seguinte tese a respeito da liberdade e servidão cristã: *O cristão é um senhor libérrimo sobre tudo, a ninguém sujeito. O cristão é um servo oficiosíssimo de tudo, a todos sujeito.*⁶⁵

⁵⁹ Ludwig Feuerbach valeu-se dessa afirmação com a finalidade de ilustrar sua tese de que a ideia de Deus é unicamente antropológica, isto é, Deus é produto do homem alienado. Deus é fruto da mente em busca de significado pra sua existência. Assim, o homem criou Deus conforme a sua imagem, uma inversão da narrativa do Gênesis, onde se lê que Deus criou o homem a sua imagem. Cf. Gênesis 1.27; FEUERBACH, Ludwig. **A essência do cristianismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

⁶⁰ ALTHAUS. **A teologia de Martinho Lutero**, p. 61.

⁶¹ LUTERO, Martinho. **Tratado sobre a liberdade cristã**. In: Obras selecionadas. vol. 2. Trad. Ilson Kayser. São Leopoldo/RS: Sinodal, RS: Concórdia, 2000, p. 436.

⁶² _____. **Tratado sobre a liberdade cristã**, p. 436.

⁶³ LUTERO, Martinho. **Tratado sobre a liberdade cristã**, p. 436.

⁶⁴ _____. **Tratado sobre a liberdade cristã**, p. 437.

⁶⁵ Tanto Lutero, quanto Erasmo de Roterdã, criam na liberdade psicológica humana. Não pensavam que o ser humano fosse como uma pedra ou animal. Entendiam que o ser humano era essencialmente livre e que era humano apenas à medida que era livre. Entretanto Lutero e Erasmo tiveram, a partir desse compreensão, ideias distintas, e acabaram rompendo os vínculos. Erasmo pensava que essa liberdade era válida mesmo na redenção com Deus, ou seja, os seres humanos poderiam ajudar e colaborar com Deus para a salvação – ideia muito semelhante a de Pelágio. Lutero, entretanto, pensava que tal colaboração não era possível, pois apagava a honra de Deus e de Cristo, e fazia do homem o que ele não era. Lutero pensava em uma vontade que era escravizada, ou seja, o livre arbítrio estava escravizado, isto é, escravo das forças demoníacas da realidade. Nenhuma contribuição humana poderia ajudar à salvação e nos dar consolo. A certeza da justificação se dá por meio da fé – ideia semelhante a de Agostinho. Embora Erasmo fosse cristão, não tinha muita paixão pelos conteúdos religiosos. Lutero pensava que isso era uma falta de compromisso por parte de Erasmo pelo que este considerava ser a preocupação suprema. Erasmo era muito



A princípio, essa tese parece ter um caráter contraditória, porém está em concordância com a teologia paulina: “Ainda que livre em relação a todos, fiz-me servo de todos (...)”, e “Não deveis nada a ninguém, a não ser o amor mútuo (...)”⁶⁶. Cristo, sendo Senhor de todos, foi feito de mulher, feito sob a lei, simultaneamente livre e servo, ao mesmo tempo na forma de Deus e na de servo.⁶⁷ Lutero aplicou essa dualidade a sua antropologia, que entendia o homem como constituído de duas naturezas⁶⁸: a espiritual (pessoa interior) e a corporal (pessoa exterior). Essa dualidade permite-nos dizer coisas aparentemente contraditórias sobre a mesma pessoa. Ambas as naturezas estão em confronto, na medida em que a carne milita contra o espírito, e o espírito contra a carne.⁶⁹

Lutero ocupa-se com a seguinte questão: o que faz uma pessoa verdadeiramente cristã, justa, livre, uma pessoa espiritual?

Pois que poderia ser útil à alma se o corpo passa bem, está livre e cheio de vida, come, bebe e faz o que quer, quando até os mais ímpios de todas as depravações florescem nestas coisas? Por outra, que mal fará à alma a saúde abalada, ou cativo, ou fome, ou sede, ou qualquer outro incômodo externo, quando até as pessoas mais piedosas e mais livres na consciência pura são atormentadas por estas coisas?⁷⁰

Conclusão: nenhuma coisa externa, não importando o nome que se lhe dê, pode trazer alguma aquisição seja para justiça ou liberdade cristã, o mesmo vale para a aquisição da injustiça ou servidão. Assim, as coisas externas não afetam a alma, seja para libertá-la ou para escravizá-la

Não importa se o corpo se cobre de veste sagradas, como as vestes sacerdotais, ou se se encontra em lugares sagrados, ou se ocupa com fazeres sagrados, ora, jejua, se abstém de determinados tipos de alimentos, enfim, nenhuma dessas coisas podem ser úteis ou prejudiciais à alma. “É preciso”, argumenta Lutero, “algo bem diferente para [trazer] justiça e liberdade à

cético. Lutero não. Este queria formulações de caráter absoluto em relação as coisas fundamentais. Depois, Lutero era radical em relação a política. Erasmo se adequava com mais facilidades às questões políticas, assim, a crítica da Erasmo era sempre racional, sem qualquer agressividade revolucionária (Cf. TILLICH. **História do Pensamento Cristão**, p. 237; OLSON, Roger E. **História da teologia cristã**, p. 370/77).

⁶⁶ BÍBLIA DE JERUSALÉM, I Coríntios, 9. 19; Romanos, 13. 8.

⁶⁷ BÍBLIA DE JERUSALÉM, Gálatas, 4. 4; Filipenses, 2. 6-7.

⁶⁸ Essa dualidade proposta por Lutero – “pessoa interior” e “pessoa exterior” –, é devedora do misticismo alemão e, no entender de tal pensador, corresponde à antropologia do apóstolo Paulo.

⁶⁹ Cf. BÍBLIA DE JERUSALÉM, II Coríntios, 4. 16; Gálatas, 5.17.

⁷⁰ LUTERO. **Tratado sobre a liberdade cristã**, p. 437.



alma”⁷¹. Sendo todas aquelas coisas possíveis a qualquer pessoa, podem, no máximo, produzir hipocrisias.

Em contrapartida, o oposto também é verdadeiro: não é prejudicial à alma se o corpo se veste de vestes profanas, se está em lugares profanos, come, bebe em sociedade, não ora em voz alta ou deixa de fazê-las, pois mesmo os hipócritas podem fazê-las. Uma coisa só é necessária à justiça e à liberdade cristã: “o sacrossanto Verbo, o Evangelho de Cristo”⁷².

A alma pode carecer de todas aquelas, menos da palavra⁷³ de Deus. A palavra não é recebida e nem cultivada por nenhuma daquelas obras, mas somente pela fé. Não restada dúvida: “a alma necessita tão somente da Palavra para a vida e a justiça, do mesmo modo ela é justificada somente pela fé, e por nenhuma outra obra”⁷⁴.

Para Lutero estava claro que não haveria necessidade da palavra de Deus, e, por conseguinte, da fé, se qualquer coisa justificasse a pessoa. A pessoa que começa a crer logo apreende que todas as coisas que encontram em si são culpáveis, perniciosas, uma vez que “todos pecaram e carecem da glória de Deus”, e “não há justo, não há quem faça o bem, todos se corromperam, juntamente se fizeram inúteis”⁷⁵.

Uma vez reconhecido isso saberás que tens necessidades de Cristo, que por ti sofreu e ressuscitou, para que, crendo nele, te tornes outra pessoa por meio desta fé, recebendo o perdão de todos os pecados e sendo justificado por méritos alheios, a saber, somente pelos méritos de Cristo.⁷⁶

É unicamente pelo reinar da fé na pessoa, mediante a graça, que ela pode ser justificada.

Claro que a pessoa interior não pode ser justificada, liberta e salva por nenhuma obra ou negócio externo, e que as obras, quaisquer que sejam, não lhe dizem respeito, assim como, do contrário, se torna culpada e uma condenável escrava do pecado somente pela impiedade do coração, e não por algum pecado ou obra externa.⁷⁷

⁷¹ _____ . **Tratado sobre a liberdade cristã**, p. 437/8.

⁷² _____ . **Tratado sobre a liberdade cristã**, p. 438. Cf. BÍBLIA DE JERUSALÉM, João 8. 36; 11. 25; Mateus 4. 4.

⁷³ Quando se fala em “palavra”, não se pensa na “Bíblia”, como é entendido em nossos dias, mas no Evangelho de Cristo. Este Evangelho encontra-se tanto na Bíblia – Antigo e Novo Testamento – como nas palavras que os cristãos proferem uns aos outros. Quando se fala: Escritura(s), é que se pensa na palavra “Bíblia”.

⁷⁴ LUTERO. **Tratado sobre a liberdade cristã**, p. 438/9.

⁷⁵ Cf. BÍBLIA DE JERUSALÉM, Romanos, 3.23; 3.10ss.

⁷⁶ LUTERO. **Tratado sobre a liberdade cristã**, p. 439.

⁷⁷ LUTERO. **Tratado sobre a liberdade cristã**, p. 439. Cf. BÍBLIA DE JERUSALÉM, Romanos 10.10.



Com essa tese Lutero aliviava de si e de muitas pessoas de sua época o peso, temor e a incerteza de não agradar a Deus com as obras que eram exigidas pelo sistema clerical. Lutero concluiu que as obras não são capazes nem de pureza ou impureza, sendo assim inúteis à salvação ou justificação. Então que preocupação um cristão deve ter após ter posto de lado a ilusão das obras? A essa questão Lutero responde: fortalecer a fé e crescer no conhecimento de Cristo, que sofreu e ressuscitou. Essa é a única obra em que o cristão deve se esmerar: crer naquele a quem Deus enviou.⁷⁸

Sendo o cristão justificado, liberto, salvo unicamente por meio da fé mediante a graça, qual a finalidade das obras? Quanto a justiça moral, civil? No que se refere a salvação, as obras são totalmente ineficazes, se o cristão realiza obras, não é para a salvação, mas por já ser salvo.

Mesmo sem possuir uma visão estreita sobre a capacidade moral do ser humano, Lutero sabe que o indivíduo pode produzir um certo tipo de justiça. Essa justiça se dá no relacionamento interpessoal, ela consiste no cumprir das leis morais e civis, que tem por objetivo o relacionamento dos indivíduos uns com os outros. Tais virtudes e obras são necessárias para que a paz e a ordem sejam preservadas entre as nações. Essas virtudes e obras Deus não rechaça, ele cobra e requer “justiça civil”, porque ele as usa para preservar a paz no mundo.

Em suma, essa justiça só é válida diante das pessoas, sua honradez se dá só por pessoas, não por Deus. Lutero pensa haver “dois fóruns” distintos, o “teológico” e o “civil”⁷⁹. A justiça que nos justifica no tribunal civil não é idêntica com a que me justifica no tribunal teológico diante de Deus.

Se somente a fé pode justificar a pessoa, sem as obras, por que encontramos na Escritura tantas obras e leis? Mesmo que a fé seja a única que justifica, liberta e salva, Lutero entende que a Escritura se divide em duas partes⁸⁰: *preceitos* e *promessas*.

Embora os *preceitos* ensinem muitas coisas, essas coisas ensinadas não ocorrem logo. Eles nos mostram o que devemos fazer, mas não dão a força para fazê-los. São ordenados com uma finalidade: a de revelar a pessoa em si. Este “revelar” faz com que a pessoa reconheça sua

⁷⁸ Cf. BÍBLIA DE JERUSALÉM, Evangelho de São João, 14.1.

⁷⁹ Cf. BÍBLIA DE JERUSALÉM, Epístola aos Romanos 4.2.

⁸⁰ Essa dupla divisão não diz respeito a nossa compreensão que entende a Escritura dividida entre “Antigo” e “Novo Testamento”. Para Lutero há preceitos, assim também como promessas, em ambos os Testamentos.



impotência para o “bem” e perca as esperanças em suas próprias forças. Para explicar isso, Lutero propôs o mandamento “Não cobices”. “Não cobices”⁸¹ é um preceito pelo qual todos nós ficamos convencidos de que somos pecadores, já que é impossível que haja alguém que não cobice. Por isso, é obrigado a desesperar-se e procurar em outro lugar ou por meio de outro auxílio que não venha de si próprio.

Esse sentimento de impotência não diz respeito àquele preceito somente, todos nos são igualmente impossíveis. Quando apreendemos por meio dos preceitos as nossas impotências e ficamos ansiosos em como satisfazê-los – uma vez que é necessário satisfazê-los –, a pessoa realmente humilhada é reduzida a nada aos seus próprios olhos, não podendo achar nada em si mesma que possa se justificar e salvá-la. Aqui se apresenta a outra parte da Escritura, apregoando: “Se queres cumprir a lei, não cobiçar, como exige a lei, crê em Cristo no qual te são prometidas graça, justiça, paz, liberdade e tudo; se creres terás; se não creres, ficará sem”⁸².

As *promessas* convidam aquele indivíduo que se encora em desespero, desesperançado, a crer em Cristo, em suas promessas e justiça. Sendo-nos impossível o cumprimento dos preceitos por meio das obras, podemos cumpri-los de modo fácil e resumido pela fé. Portanto, as promessas de Deus nos dão de presente o que nos foi exigido pelos preceitos e cumprem o que nos é ordenado pelos preceitos, o que torna tudo exclusivo de Deus, tanto os preceitos como o seu cumprimento. “Só ele [Deus] dá preceitos, só ele os cumpre”⁸³.

A alma que se aproxima das promessas com fé, é absorvida da força delas:

Pois se o tato de Cristo curava, quanto mais esse tenríssimo contato com o Espírito, ou melhor, essa absorção da Palavra comunicará à alma tudo que é próprio da Palavra!⁸⁴

A alma é justificada somente pela fé sem auxílio das obras, a partir da palavra de Deus, ela torna-se “repleta de todo bem e se torna verdadeiramente filha de Deus, como diz Jo 1.12: ‘Deulhes o poder de serem feitos filhos de Deus, àqueles que creem em seu nome’”⁸⁵. Na alma reinam somente a fé e a palavra, motivo pelo qual nem todas as obras juntas podem igualar-se a fé, pois nenhuma obra pode prender-se à palavra de Deus e a alma. Ao cristão basta sua fé, sem que haja

⁸¹ Cf. Êxodo 20. 17; Deuteronômio 5. 21.

⁸² LUTERO. *Tratado sobre a liberdade cristã*, p. 440.

⁸³ _____. *Tratado sobre a liberdade cristã*, p. 440.

⁸⁴ _____. **Tratado sobre a liberdade cristã**, p. 440.

⁸⁵ _____. **Tratado sobre a liberdade cristã**, p. 440/1.



necessidade das obras para ser justificado. “Está é a liberdade cristã”, dizia Lutero, a “nossa fé, que não faz com que sejamos ociosos ou vivemos mal, mas que ninguém necessita da lei ou de obras para a justiça e a salvação”⁸⁶.

O ofício da verdadeira *fé* é ter aquele em quem se crê no mais elevado e piedoso conceito: tê-lo em conta de veraz e digno de ser acreditado. Não há glória que se assemelhe ao conceito de veracidade e justiça para honrar aquele em que se crê. Por outro lado, nada é tão vergonhoso que ter alguém em conta ou na suspeita da mentira ou iniquidade. É exatamente o que se faz quando não se crê. A alma que crê com firmeza em Deus, o tem em conta de veraz e justo, não podendo atribuir nada mais honroso do que este conceito.

Este é o culto supremo a Deus: atribuir-lhe a verdade, justiça e tudo que se deve tributar àquele em quem se crê. Aqui ela se entrega com disposição a todas as verdades dele, aqui santifica o seu nome e aceita que se aja com ela como aprouve a Deus; porque, apegada a suas promessas, não duvida que ele, o verdadeiro, justo e sábio, fará, disporá e providenciará tudo da melhor maneira. E não é tal alma a mais obediente a Deus em tudo por meio desta sua fé? Que preceito resta que tal obediência não tenha cumprido com sobra? Que plenitude é mais completa do que a obediência em tudo? A esta, porém não a produzem as obras, mas somente a fé. Por outro lado, que rebelião, que impiedade, que ofensa contra Deus é maior do que não crer no Promitente? Que outra coisa é isto do que fazer Deus de mentiroso ou duvidar que seja veraz? isso é, atribuir a verdade a si mesmo e não a Deus, porém, a mentira e a vaidade.⁸⁷

Por isso, de forma sábia, Deus pôs tudo não na ira ou na libido, mas na incredulidade. Assim, aqueles que julgam cumprir a lei com castas e benignas obras não pensam ser salvos, pois estão compreendidos no pecado da incredulidade e entendem que devem buscar misericórdia ou serão condenados pela justiça.

Se Deus é honrado por nossa fé, ele também nos honrará, atribuindo a nós a verdade e a justiça por causa desta fé. A fé devolve a Deus o que é só seu e, por outro lado, Deus devolve a glória à nossa justiça.

Valendo-se da figura do casamento, Lutero dizia que assim como a *noiva* une-se ao seu *noivo*, a fé a une a alma a Cristo. Essa união com Cristo por meio da fé torna comum tanto as coisas boas, como as coisas más. Dessa forma, a alma fiel se apropria e se glorifica de tudo que Cristo tem como sendo seu. Igualmente, tudo o que a alma tem Cristo se apropria como se fosse

⁸⁶ LUTERO. **Tratado sobre a liberdade cristã**, p. 441.

⁸⁷ _____. **Tratado sobre a liberdade cristã**, p. 441.



seu. Dito isso, vejamos quão maravilhoso é: “Cristo é cheio de graça, vida e salvação; a alma está cheia de pecado, morte e condenação”⁸⁸. Destarte, quando ocorre a troca, sendo Cristo o noivo, ele aceita o que é da noiva e compartilha com ela o que é seu, pois quem dá o corpo, dá tudo o que o corpo tem. Consequentemente, quem aceita o corpo da noiva aceita tudo o que é da noiva.

Essa troca extraordinária acontece porque Cristo, sendo Deus, homem e pessoa sem pecado, pode tornar seus os pecados, a morte e o inferno da noiva, por meio da aliança da fé. Coube ao noivo atribular-se, morrer e descer ao inferno, com a finalidade de superar tudo, pois só sua justiça é superior aos pecados de todos, sua vida mais forte que a morte, sua salvação invencível ao inferno. Assim também é com a ressurreição, assim como o noivo morreu e ressurgiu, a também a noiva ressurge por meio dele.

A alma do crente se torna livre de todos os pecados pelas arras de sua fé em Cristo, seu noivo, segura contra a morte e protege do inferno, presenteada com eterna justiça, vida, salvação de seu noivo Cristo.⁸⁹

Eis a razão do porquê se dá tanto valor à fé: só ela cumpre a lei e justifica sem obras. O preceito: “adorarás ao único Deus”⁹⁰, só pode ser cumprido exclusivamente pela fé. Mesmo que cobertos de obras dos pés à cabeça, ainda assim não seríamos justos, nem adorariamos a Deus. Uma vez que Deus não pode ser adorado senão tributando-lhe a glória da verdade. Isso não se dá por meio das obras, mas da fé no coração. Somente a fé é a justiça da pessoa cristã e o cumprimento de todos os mandamentos.

Cristo reina e consagra em assuntos celestiais e espirituais, mas isso não significa que as coisas terrenas não lhe sejam sujeitas, pois como poderia nos proteger e salvar-nos destas. Porém, nem seu *reino* e nem seu *sacerdócio* consistem em vestimentas externas e gestos, como o sacerdócio de Arão. Seu sacerdócio consiste em coisas espirituais, através das quais interpela por nós frente a Deus, por meio de um ministério invisível, oferecendo a si mesmo, conforme a figura de Melquisedec. É por meio dessas duas dignidades, *sacerdote-rei* de Cristo, que somos sacerdotes e reis.⁹¹ Passamos a analisar as duas figuras, *rei* e *sacerdote*, à luz da compreensão sobre a fé de Lutero.

⁸⁸ LUTERO. **Tratado sobre a liberdade cristã**, p. 442.

⁸⁹ _____. **Tratado sobre a liberdade cristã**, p. 442.

⁹⁰ Cf. Êxodo 20. 1ss; Deuteronômio 5. 6ss.

⁹¹ Sobre Melquisedec, Cf. BÍBLIA DE JERUSALÉM, Gênesis, 14. 18; Epístola aos Hebreus, cap. 5-7; quanto ao rei-sacerdote, I Pedro 2. 9ss.



No que concerne ao *reino*, qualquer cristão é elevado acima de todas as coisas pela fé, o que o torna senhor de tudo pelo poder espiritual, de tal maneira que nada pode lhe causar algum dano. Todas as coisas lhe estão sujeitas e são obrigadas a servir para a salvação. Com isso, não supõe que algum cristão está constituído acima de todas as coisas por poder corporal, seja para possuí-las ou manipulá-las, pois as experiências da vida nos mostram que estamos subordinados a todas essas coisas: sofremos e morremos e, quanto mais cristão se é, mais males, sofrimentos e morte, estão sujeitos, isso é observado no próprio Cristo e em todos os santos irmãos que antecederam- nos. Então, este poder que torna todas as coisas sujeitas ao crente não é outro senão espiritual. Este domina em meio aos inimigos e é potente em meio às pressões. Tal poder aperfeiçoa na fraqueza e faz com que tiremos proveito em tudo para a salvação, de sorte também que a cruz e morte são obrigadas a servi-nos e cooperar para a salvação.

Esta é uma dignidade árdua e insigne e um verdadeiro poder onipotente, um império espiritual no qual nenhuma coisa é tão boa, nenhuma tão ruim que não cooperasse para meu bem, desde que eu creia. Não obstante, visto que a fé sozinha basta para a salvação, não tenho necessidade de coisa alguma, a não ser que a fé exerça nela o poder e o império de sua liberdade.⁹²

Mas não somos somente os mais livres, mas também somos *sacerdotes* em eternidade, o que é mais excelente do que ser rei, pois por meio do sacerdócio somos dignos de comparecer perante Deus, orar pelos outros e ensinar a respeito das coisas de Deus. Cristo dá aos cristãos, o direito de serem coirmãos, herdeiros, reis e sacerdotes, achegando-os perante Deus em confiança e, pela fé, clamarem a Deus como filhos. Todavia, ao descrente isso de nada vale ou coopere para o seu bem. Porém, este é servo de tudo, e todas as coisas lhe vêm para o mal, pois esse faz todas as coisas de forma ímpia, para proveito próprio, não para a glória de Deus. Este não é sacerdote, mas profano, cuja *oração* torna-se pecado e não chega perante Deus, pois Deus não consente com os pecadores. Tão grande glória não se consegue por meio das obras, somente pela fé mediante a graça.

Com a instituição do sacerdócio universal, Lutero tira da mão do clero o direito de perdoar ou de impor penitências aos que confessam seus pecados. Agora não há mais porque buscar o homem para que ele faça intermediação entre o indivíduo e Deus, você é livre pra entrar na presença de Deus por meio de Cristo e da fé e expor suas necessidades.⁹³

⁹² LUTERO. **Tratado sobre a liberdade cristã**, p. 445.

⁹³ Cf. BÍBLIA DE JERUSALÉM, Evangelho de Mateus 27. 51; Hebreus 9. 12; 10. 20.



Considerações

Em suma, Martinho Lutero depreendeu que o antigo meio de justificação, participação-infusão, não era viável, pois ninguém pode contribuir com Deus para a salvação. Desse modo, propôs uma ideia forense, onde justificação é imputação. Por meio da fé Deus imputa a salvação no ser humano sem o auxílio das obras. A fé, em dias atuais, fora relegada a um poder de autoajuda, um conceito psicológico, unicamente antropocêntrico, onde o cristão, com seu pensamento positivo, pensa alcançar favores perante a divindade, o que não condiz nem com a Escritura nem com os reformadores.

A compreensão da fé como único meio salvação tira dos indivíduos a tormenta das muitas obras a serem realizadas e a incerteza de estar ou não agradando a Deus. Coloca o ser humano em seu devido lugar fazendo-o entender que os seus méritos, quando muito, só produzem hipocrisias. Tal entender torna a Deus a honra que lhe é devida, pois somente ele dá ao ser humano o meio para sua justificação.

Compreender que a justificação se dá unicamente pela fé, mediante a graça, faz a pessoa totalmente dependente de Deus, dependência essa que leva a pessoa a aproximar-se de Deus. Diante do desespero que os preceitos trazem, há sempre a promessa que convida para próximo de Deus, pois só ele dá e cumpre preceitos para que tudo seja dele e por ele.⁹⁴

A salvação pela fé mediante a graça não inibe os indivíduos dos seus deveres cívicos-morais. Ao contrário, convida-os a justiça social, porém essa justiça só é válida diante dos homens, mas nunca poderá justificá-lo diante de Deus. O obrar não é pra salvação, mas obra-se por já ser salvo.

Esperamos, portanto, que haja um interesse, não só por parte dos acadêmicos, mas e, principalmente, por parte dos “leigos” ao assunto do “*sola fide*”. Fica esclarecido que é de suma importância que se busque a Deus pela fé, que justifica o pecador, pois só Deus satisfaz o pré-requisito, dando graciosamente aos pecadores aquilo que eles precisam para que sejam justificados, essa dádiva é a fé. Eis a salvação por meio da fé, mediante graça, livre das obras, segundo a compreensão de Martinho Lutero.

⁹⁴ Cf. BÍBLIA DE JERUSALÉM, Epístola aos Colossenses 1. 15-20.